

Depois que chegaram os outros

After the others arrived

Yan Leite Chaparro¹
Josemar de Campos Maciel¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v23i51.902>

Resumo: O trabalho iconográfico que segue, tem o objetivo de tecer caminhos por entre os horizontes de violência ocorridas no Tekoha Guapo`y Mirim Tujuky, no município de Amambai, Mato Grosso do Sul, no ano de 2022. Assim se provoca a comunidade científica, a partir de imagens de denúncias produzidas pela Aty Guasu, a Retomada Aty Jovem e a Kuñangue Aty Guasu, a pensar as realidades vividas dos Guarani e dos Kaiowá como contextos de emergências e desastres, e também a buscar saídas pelos escombros, a partir de pesquisas e ações com os movimentos sociais fundamentais para estes povos.

Palavras-chave: os Guarani e os Kaiowá; Tekoha Guapo`y Mirim Tujury; emergências; desastres.

Abstract: The iconographic work that follows aims to weave paths through the horizons of violence that occurred in Tekoha Guapo`y Mirim Tujuky, in the municipality of Amambai, Mato Grosso do Sul, in the year 2022. from images produced by Aty Guasu, Retomada Aty Jovem and Kuñangue Aty Guasu, one provokes the scientific community to think about the lived realities of the Guarani and Kaiowá as contexts of emergencies and disasters, and also looking for ways out of the rubble, based on research and actions with the fundamental social movements for these peoples.

Keywords: the Guarani and the Kaiowá; Tekoha Guapo`y Mirim Tujury; emergencies; disasters.

1 A ESCOLHA ICONOGRÁFICA

Escolhemos como modo de falar, a estética iconográfica, pois compreendemos que para poder falar sobre as violências cometidas contra os Guarani e os Kaiowá que vivem no Mato Grosso do Sul, como o “massacre de Guapo`y”, é necessária uma fala que encontre todos os sentidos da pessoa leitora e os agência.

¹ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Coloque o corpo de quem lê agenciado pelos contextos de emergências e desastres vividos pelos Guarani e os Kaiowá.

Fala que acontece como uma mapa entre imagens e escritos, o que permite levar a pessoas leitora por lugares que só a produção de um objeto iconográfico permite, um mapa do real. Falamos para todo corpo de quem vê, e não só para os olhos, pois iconografia permite o resultado de uma produção sensível e científica.

Para isso, confeccionamos a partir dos documentos de denúncias presentes nas redes sociais da Aty Guasu², da Retomada Aty Jovem (RAJ)³ e da Kuñangue Aty Guasu⁴, sobre os ataques no Tekoha Guapo`y Mirim Tujury, um caminho por entre imagens e textos, para pensar as realidades vividas pelos Guarani e Kaiowá no tempo contemporâneo, como contextos de emergências e desastres, fabricado por projetos históricos entrecortados pela violência.

Essa escolha acontece como forma de alcançar, e levantar para dentro dos contextos acadêmicos, as denúncias dos Guarani e dos Kaiowá, quando enunciam para todas as pessoas que podem ouvir, as violências históricas que cortam seus corpos, pessoas e territórios há bastante tempo, mas que vem sendo intensificadas nos últimos anos.

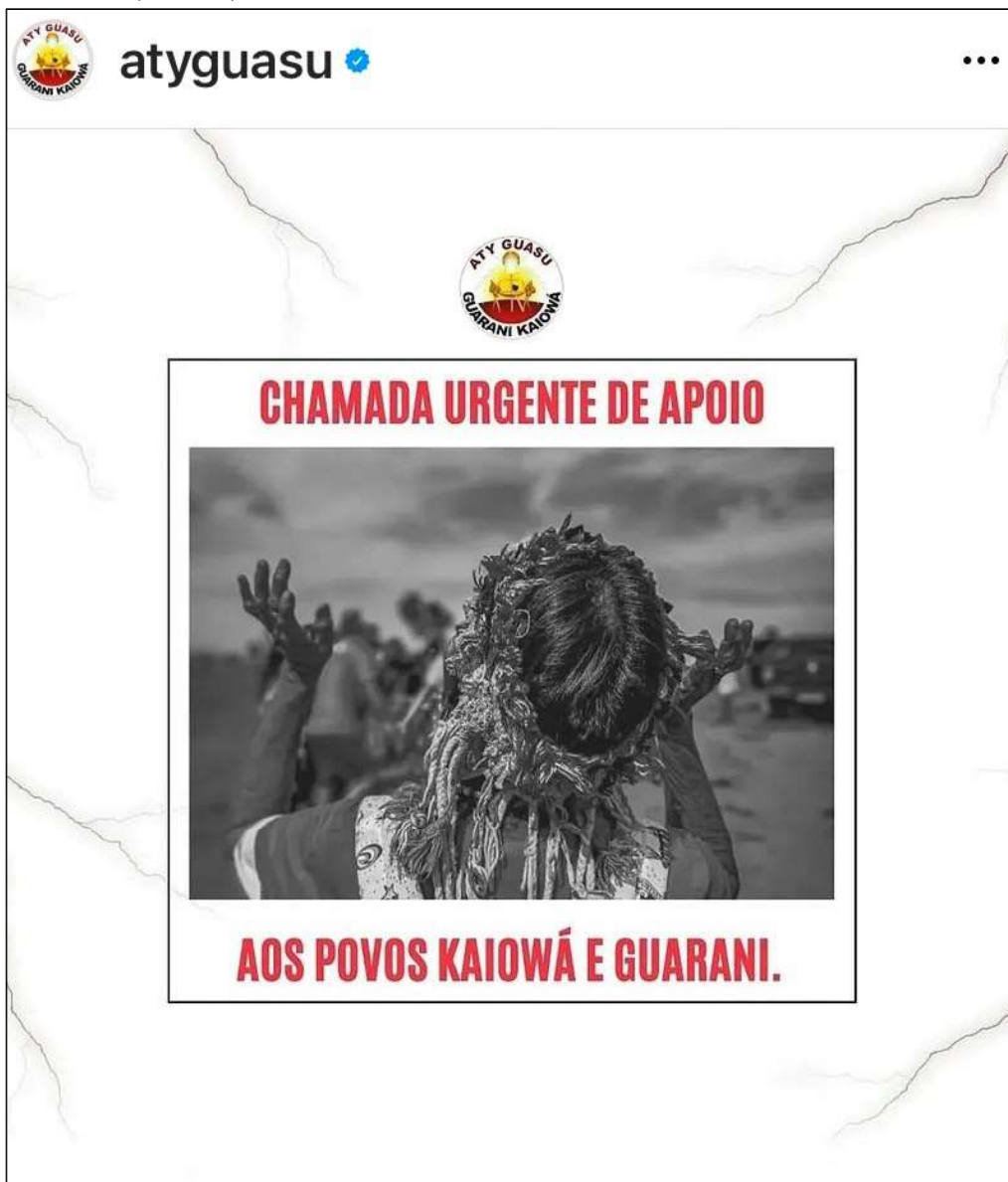
² Grande Assembleia do Povo Guarani e Kaiowá.

³ Grande Assembleia dos Jovens do Povo Guarani e Kaiowá.

⁴ Grande Assembleia das Mulheres do Povo Guarani e Kaiowá.

Depois que chegaram os outros

Figura 1 - Cartaz de pedido de apoio para os Guarani e os Kaiowá socializado nas redes pelo Aty Guasu. Local: Amambai/MS



Fonte: Aty Guasu, 2022.

2 QUANDO A VIOLÊNCIA É UM PROJETO

A categoria de emergências e desastres é definida pela produção de vulnerabilidades psicossociais, ambientais e econômicas de um território, comunidade e coletivo, produção, pois não é algo natural, mas sim produzido socialmente, categoria que se aproxima das realidades dos Guarani e dos Kaiowá de hoje que vivem no Mato Grosso do Sul, pois a vulnerabilidade desses povos é um projeto.

Figura 2- Capsulas de armas de fogo usadas durante o ataque contra os Kaiowá. Local: Amambai/MS



Fonte: Kuñangue Aty Guasu, 2022.

Como lembra Melià (2016, p. 229) “llegaron los “otros” a sus casas y a sus almas”, e são esses outros que historicamente produzem processos alienígenas de violências contra os Guarani e Kaiowá, que inicia-se com a formação da Cia Mate Laranjeira, passando pela Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), e hoje com o avanço cada vez mais predatório da indústria do agronegócio, formação que acontece pela relação entre projetos do Estado e privados, intencionados pela invenção branca de desenvolvimento (CHAPARRO; MACIEL, 2019).

Processos de violências que espoliaram os territórios tradicionais dos Guarani e do Kaiowá, que os levaram à uma realidade de confinamento (BRAND, 1997), e os deixaram, por objetivos estratégicos, em situações de extrema vulnerabilidade, ou melhor, sobreviventes históricos, que sobrevivem em contextos de emergências e desastres.

Figura 3 - Mulher Kaiowá enfrentado o helicóptero usado no ataque contra os Kaiowá. Local: Amambai/MS



Fonte: Kuñangue Aty Guasu, 2022.

Os contextos geram uma ampla gama de sofrimentos psicossociais coletivos. Essa gama pode ser ilustrada, em parte, pelos acontecimentos de extrema violência sofridos pelos Guarani e Kaiowá na retomada Tekoha Guapo`y Mirim Tujury na cidade de Amambai/MS em 2022. São acontecimentos que geram sofrimentos por todas as dimensões humanas que geralmente encontramos em cenários de guerra. Corpos, subjetividades, territórios e meios de subsistências andam sendo violentados diretamente, e o caso do Tekoha Guapo`y Mirim Tujury, revela no presente o recorte da história de processos de violências contra os Guarani e os Kaiowá.

Depois que chegaram os outros

Figura 4 - Enterro do jovem Kaiowá que foi assassinado. Local: Amambai/MS



Fonte: Aty Guasu, 2022.

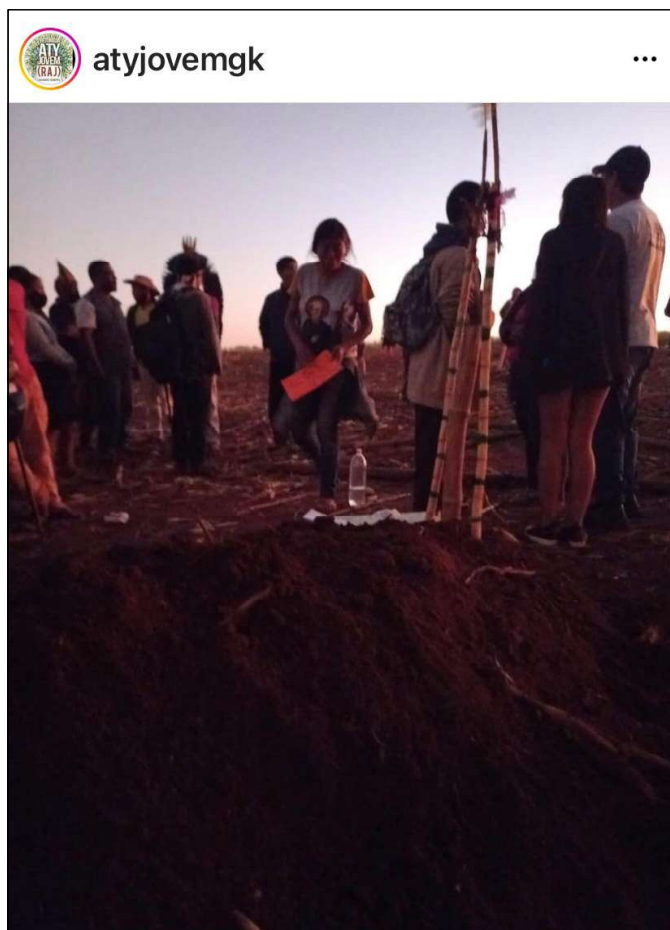
3 QUANDO A VIOLÊNCIA ATRAVESSA NÃO SÓ O VISÍVEL

Seguindo os rastros da fala do xamã Guarani Cantalício Godoi, quando revela que “este é o nosso corpo, a terra” (CHAPARRO; MACIEL, 2019), nos deparamos com uma sensível e concreta complexidade cosmológica e cosmopolítica, pois se

o corpo é a terra, a terra é o corpo, ergue-se uma produção subjetiva particular e que exige uma escuta diferenciada. Deve-se seguir os conceitos nativos.

No segundo semestre de 2022, observamos uma série de ataques sobre o territórios Guarani e Kaiowá que vivem no Mato Grosso do Sul, principalmente nas cidades de Amambai, Naviraí e Iguatemi, ataques que aconteceram entre semanas, e que explicita no tempo presente, os processos de violências e também os processos de resistências que atravessam as realidades dos Guarani e dos Kaiowá, no caso, as retomadas pelos territórios tradicionais.

Figura 5 - Enterro do jovem Kaiowá que foi assassinado. Local: Amambai/MS



Fonte: Retomada Aty Jovem, 2022.

Depois que chegaram os outros

Para uma sociedade onde a articulação natureza/cultura já produz pela própria organização social, territórios de existências (GUATTARI, 2012), a violência sobre o corpo é a violência sobre o território, o que nos redobra a pensar a produção subjetiva e de exterioridades, quando os Guarani e os Kaiowá exigem ao mesmo tempo a justiça social e ecológica.

O professor e pesquisador Eliezer Martins Rodrigues (RODRIGUES; CHAPARRO, 2022), ao tecer suas falas sobre pessoa e natureza, explicita o conceito *Yvypóra* como noção de pessoa para os Guarani, quando o *Yvypóra*, a pessoa, é produzida dentro da articulação das seguintes palavras: *Y* (água), *Yvy* (terra), *Yvyra* (planta) e *Yvyru* (ar), quando o *Yvypóra* é consequência e faz parte da articulação desses sentidos e significados (corpo e terra).

Figura 6 - Cápsulas de projéteis usadas durante o ataque contra os Kaiowá. Local: Amambai/MS



Fonte: Kuñangue Aty Guasu, 2022.

No ato de pensar com os Guarani e os Kaiowá, a palavra-conceito “envolvimento”, para superar as agruras do des/envolvimento, toma frente e se torna uma ferramenta para traduzir uma complexidade cosmológica, que para os Guarani e os Kaiowá é central. Tudo passa e é atravessado por um envolvimento, como explica o professor e pesquisador Kaiowá Eliel Benites (CHAPARRO; MACIEL, 2019). Essa tradução desvenda uma grande gama de conceitos que envolve a íntima relação entre território e modos de existir para os Guarani e os Kaiowá.

A relação entre território e modos de existir pode ser encontrada em Benites (2021, p. 96):

O espaço-tempo de cada conexão, com cada corpo existente no cosmos, foi se acumulando e compondo o próprio corpo do *ñanderuvusu*, criando o seu espaço-tempo quando assumiu uma postura de *tendota* (condutor) de muitos outros corpos, porque passou então a enxergar o mundo através das perspectivas de cada mundo, um *hesapyso* – olhar estendido. Obter de forma cumulada as linguagens e as perspectivas de cada corpo gerou a perfeição do seu ser, porque foi absorvendo a parte positiva, amadurecendo o seu corpo e chegando ao nível muito elevando, o *aguyje* (amadurecimento). Assim, o *ñanderuvusu* criou a partir da sua grande viagem o *teko araguyje* - modo de ser maduro, preparado e perfeito através do *ára*. Um *teko*, no entanto, não está no passado mas *oculto* no presente, possibilitando o equilíbrio de todas as coisas, como a vida na sua diversidade como um todo.

A descrição de Benites (2021), revela a formação do *Teko*, tecida por complexas relações e dimensões que envolve humanos e não-humanos, uma rede que passa pelo envolvimento, quando o território é a terra articulada por muitas dimensões que passam inicialmente pelo levantar de um *Ñanderu*⁵. Noção de território que direciona e nos guia para pensar a produção de existência Guarani e Kaiowá, alinhavada as relação cosmopolítica com os *Teko Jara*.

Benites e Pereira (2021, p. 200), destaca o seguinte processo epistemológico que melhor pode ilustrar esta questão: “As cosmologias sul-americanas confrontam, assim, a proposição do pensamento científico moderno alicerçado na descontinuidade entre natureza e cultura. No caso dos *Ava*, os *teko jára* estão no centro deste confronto”.

Teko Jára são Guardiões que habitam a organização social dos Guarani e dos Kaiowá. São seres que agenciam a totalidade do mundo da experiência a partir de

⁵ Xamã central e fundamental que levanta um *teko*.

Depois que chegaram os outros

relações que produzem a realidade, espaço/tempo, que permitem seguir o fio de Ariadne (LATOIR, 2008) que sintetiza a dinâmica complexa entre envolvimento, natureza e cultura, apresentando-se com continuidade em relação. Retomar o território é retomar a vida.

Figura 7 - Senhora xamã Kaiowá clamando, diante da morte do jovem Kaiowá assassinado. Local: Amambai/MS



Fonte: Kuñangue Aty Guasu, 2022.

Para os Guarani e os Kaiowá, território e modo de existir produzem uma rede entre contextos, discursos e coletivos (LATOIR, 2008), uma vez que, sem o território, não existe o viver. Assim, para garantir a existência, é necessário intimamente o território, pois como lembra o xamã Guarani Cantalício Godoi “somos nascidos da terra” (CHAPARRO; MACIEL, 2019). Se a terra faz parte de todo o extenso aparato cosmológico dos Guarani e dos Kaiowá, por outro lado, são eles e elas, nascidos da terra que são, que a mantém segura, e que a fazem viver, pelo seu modo de existir.

Figura 8 - Cartaz de denúncia socializado pela Aty Guasu sobre os ataques contra os Guarani e os Kaiowá. Local: Amambai/MS



Fonte: Aty Guasu, 2022.

4 RESISTÊNCIAS POR ENTRE SOFRIMENTOS PSICOSSOCIAIS

O que buscamos apresentar com a iconografia, foi voltar cada vez mais a atenção para a realidade dos Guarani e dos Kaiowá que vivem no Mato Grosso do sul, como contextos de emergências e desastres. Provocação que acontece como exigência ética, e fica para a pessoa que se dispõe a ver, sentir e ler.

A denúncia apresenta-se, assim, como reflexão, que precisa habitar os debates, conversações e pesquisas com os Guarani e os Kaiowá, possibilitando a formação de estratégias de novas pesquisas e de ações para dentro dos movimentos sociais Guarani e Kaiowá (Aty Guasu, Retomada Aty Jovem e Kuñangue Aty Guasu), seguindo resistências para atravessar o terror (TAUSSIG, 1993), os sofrimentos psicossociais vividos diariamente pelos homens, pelas mulheres, pelos jovens e pelas crianças Guarani e Kaiowá.

Esta iconografia são corpos que exigem justiça psicossociais, pois os sofrimentos apresentados pelas imagens produzem subjetivações que precisam emergencialmente serem cuidadas coletivamente, ao mesmo tempo que precisam encontrar espaço nos debates científicos da etnologia Guarani e da Psicologia, quando são os corpos, a terra e o modo de existir que sofre a cada ataque, e que provavelmente deve estar acontecendo neste exato momento.

Figura 9 - Velório do jovem Kaiowá que foi assassinado durante os ataques contra os Guarani e os Kaiowá. Local: Amambai/MS.



Fonte: Retomada Aty Jovem, 2022.

REFERÊNCIAS

BENITES, E. *A Busca do Teko Araguayje (Jeito Sagrado de Ser) nas Retomadas Territoriais Guarani e Kaiowá*. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2021

BENITES, E.; PEREIRA, L. Os conhecimentos dos guardiões dos modos de ser – Teko Jará – habitantes de patamares de existência tangíveis e intangíveis e a produção dos coletivos Kaiowá e Guarani. *Tellus*, Campo Grande, ano 21, n. 44, p. 195-226, 2021 .

Depois que chegaram os outros

BRAND, A. *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra*. 1997. 405p. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

CHAPARRO, Y.; MACIEL, J. *Este é o nosso corpo, a terra: caminhos e palavras Avá Guarani/Ñandéva para além do fim do mundo*. Ponta Grossa: Editora Monstro dos Mares, 2019.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*. 4. reimp. Rio de Janeiro, Editora 34, 2008.

MELIÀ, B. *Caminho Guarani, guarani rape: de lejos venimos hacia más lejos caminamos, mombyrygui niko jaju mombyryvénte ko Jaguata*. Asunción: CEPAG, 2016.

RODRIGUES, E.; CHAPARRO, Y. *Modos de Existir e Mitos Guarani Nhandeva: palavras que seguram os mundos*. Paraíba: Editora Terra Sem Amos, 2022.

TAUSSIG, M. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Sobre os autores:

Yan Leite Chaparro: Doutorando e mestre em desenvolvimento local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Críticos do Desenvolvimento/CNPq, do Laboratório de Humanidades/Labuh e do Grupo de Estudos Filosofia Ameríndias/OuVi. Psicólogo e Pesquisador. **E-mail:** yanchaparro@gmail.com, **Orcid:** 0000-0002-7058-2988

Josemar de Campos Maciel: Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Mestre em psicologia pela UCDB. Graduado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (UNIFACC-MT). Professor no Mestrado em Desenvolvimento Local na UCDB. **E-mail:** maciel50334@yahoo.com.br, **Orcid:** 0000-0001-8277-9422

Recebido em: 19/09/2022

Aprovado para publicação em: 18/08/2023

